

**VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo**  
**III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo**  
**I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo**

**Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei**

24, 25 e 26 de setembro de 2014

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

**Entre selfies, autorretratos, as TIC's e a vida on/off: a *autopoiesis* dos consumidores jovens de internet num bairro de periferia em Vila Velha-ES.**

Patrícia P. Pavesi<sup>1</sup>

Vinícius Lorde Dias<sup>2</sup>

**Resumo**

A construção de identidades a partir de relações simbióticas entre homens e máquinas é alvo de discussões densas na Antropologia, especialmente nos últimos anos em função das inovações tecnológicas que circulam em mercado global, ganhando usos particulares em culturas diversas. Destaca-se neste sentido, o advento e a expansão das chamadas TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação) móveis que, além de profundas transformações nas formas de associação, têm gerado uma série de modos de apresentação de si que se apoiam na inclusão de objetos técnicos (SIMODON, 1958), (especialmente os telemóveis) na composição do figurino e modulação dos corpos na cultura contemporânea (CASTELLS, 2002). Tomando as TIC's e as suas apropriações locais como tema de estudo, empreendemos durante doze meses uma investigação de cunho etnográfico em uma comunidade popular na Região Metropolitana de Vitória/ES. Observando as estratégias de consumo do acesso à Internet desenvolvidas pelos nativos. Percebemos que a conexão entre os jovens da localidade é feita preferencialmente a partir de celulares (smartphones). Uma vez que estar conectado constitui-se um valor para o grupo, o porte de telemóveis quase que vinte e quatro horas por dia incide na construção dos corpos, desde a produção de equivalências entre as mãos e o ressaltado dos polegares no manuseio dos teclados que colocam em discussão a noção de proeminência da mão direita em Hertz, e muito particularmente no cuidado com a aparência e composição da indumentária. Neste sentido, os aparelhos celulares tornam-se peças importantíssimas do vestuário. Mais que um acessório, na maioria das vezes os aparelhos são tomados como ponto de partida para a produção da imagem, de modo que suas cores, texturas, proporções e marcas passam a definir o layout da do corpo vestido.

**Palavras-chave:** consumo, Tic's, corpos, internet, performance

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia pela UFF, UFES – Universidade Federal do Espírito Santo, e-mail: pppavesipatricia4@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Antropologia pela UFF, IFES – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, e-mail: viniciuslordes@ifes.edu.br

## **Introdução**

Além da materialidade dos aparelhos enriquecida pela troca de capas, adesivos e brocados, a produção da imagem se expande na cidade virtual/ cibercidade (André Lemos), assim, no Ciberespaço, especialmente nas redes sociais ela é intensificada por devires imagéticos diversos como montagens, o uso de photoshop e composição de narrativas de si que reafirmam o corpo como obra de arte em diferentes modos de Dasein (HEIDEGGER, 1977). Nossa intenção é apresentar de forma reflexiva fragmentos etnográficos da movimentação de processos de autopoésis dos sujeitos envolvidos no consumo de conexão móvel em diálogo com os objetos técnicos (ONG, 1998) que emergem como experiências de sociabilidade em redes sociotécnicas complexas (LATOURE, 1995). Constituídas em bricolagens (LÉVI-STRAUSS, 1975) extremamente criativas. Tais práticas de consumo dos grupos populares apresentam-se como experiências estéticas complexas que tornam a aquisição de TIC's mais que fato prático, sobretudo produção cultural criativa e insurgente que merece ser discutida com maior atenção. O consumo de tecnologias de informação, especialmente de telefones celulares, assim como vestuário de grife, rol de produtos no qual estes parecem agora também constar não raramente é tomado sob o signo falta, precariedade e alienação (BARROS, 1997). A pesquisa etnográfica que fizemos nos permitiu compreender esses processos de forma mais ampla, entendendo-os como parte do próprio fazer nativo. O arranjo que os informantes produzem para compor a sua apresentação no mundo usando os celulares e a conexão com a Internet revela muito das suas representações de si e de suas redes de relacionamento, noções de lugar, status, inclusão e exclusão social em termos locais. Entendemos que a construção do das noções de “belo” e “bom”, “puro” e “poluído” estão intimamente ligadas na comunidade investigada, funcionando como vetores importantes impulsionar práticas de consumo que por fim traduzem os valores estruturantes da vida coletiva. Apoiaremos nossas reflexões em dados recolhidos nas dimensões on e offline da pesquisa etnográfica desenvolvida no ano de 2013, entre jovens consumidores de acesso à Internet na Região da Grande Terra Vermelha, Vila Velha/ES. Na primeira parte do artigo discutimos a produção dos corpos na interface com equipamentos pró-conexão (celulares, computadores, etc.) explorando a materialidade dos mesmos na constituição de indumentárias. Na segunda parte do texto, refletimos sobre as performances e modos de construção da imagem em ciberambientes, a partir da movimentação dos informantes no Facebook. Por fim, tecemos considerações em torno da complexa interação entre TIC's e sujeitos e a construção dos corpos e imagem a partir dela.

## **Customizações: apropriações materiais como recurso de personalização**

Boa parte do acesso à internet hoje, em Terra Vermelha, é feito por celulares, embora não seja totalmente correto afirmar que o acesso seja exclusivamente feito por esta plataforma, esta via naquela localidade é, sem dúvida, a mais explorada especialmente entre os jovens daquela região, também conhecida como Região V que fica localizada no extremo sul do município de Vila Velha. A observação dos usos destes aparelhos podem nos informar muito sobre seus portadores. Foi inicialmente seguindo os rastros dos *ringtones* que tomamos conhecimento das diversas dimensões e funções que o consumo dos aparelhos

celulares carrega entre os jovens. Foi à procura de acesso que encontramos vestígios de modos de associação, individuação e produção de identidades coletivas e individuais naquela comunidade que passam pelas conexões mediadas por dispositivos móveis de acesso.

Algumas observações em campo foram feitas e em uma delas nos chamou a atenção e nos fez perceber os usos do telefone celular e a internet podem servir como laboratório de experiências identitárias (VIANA, 1997, TURKLE, 1984, 1997). Uma dessas observações se deu num dia de sol, numa praia chamada de Praia dos Arrecifes ou simplesmente Recifes, como é conhecida pelos moradores da Região V (ou Grande Terra Vermelha), este local é o ponto mais frequentado pelos moradores da região. Ali encontramos a faixa de areia repleta de pessoas de várias idades, jovens e crianças especialmente, frequentavam o lugar naquele dia.

A certa altura da nossa estada por ali, sentamos na areia, pois não havia mais lugar em mesas e cadeiras nos comércios locais. Próximos de onde estávamos havia um grupo de jovens bastante animados. Em um determinado momento, um toque de celular nos chamou a atenção, tratava-se da música tema do filme “*Psycho*” no Brasil traduzido como “*Psicose*” de Alfred Hitchcock composta por Bernard Herrman. Pudemos observar algumas gargalhadas dos colegas enquanto a música era executada no toque do celular. Diante das gargalhadas dos colegas, a jovem que atendia ao telefone explicou que o ringtone fora escolhido para anunciar as chamadas do seu pai, que sempre eram para saber onde ela estava e, portanto, “perigosas”. Esta sinalização da chamada dos pais a partir de um toque de celular carregada de sentidos, nos fez refletir sobre uma série de relações entre a posse do aparelho habilitado para uso da internet e os recursos para personalização e produção de identidades. Estes *ringtones* vão de músicas que tocam nas rádios, como hits, a temas românticos para chamadas de namorados, canções que remetem a grupos de amigos e que em muitos casos os custos são debitados nos créditos dos aparelhos pré e/ou pós-pagos.

Outro elemento de individualização muito comum no que tange aos celulares que observamos são as capas, adesivos e uma incrível gama de acessórios que podem ser acoplados aos aparelhos, ou seja, é prática bastante comum que além da personalização do objeto, a customização do mesmo ressaltando as dimensões propriamente materiais pode ser encontrada entre os jovens daquela localidade. É superlativo que reconheçamos como parte expressiva do consumo de aparelhos celulares “o papel da materialidade em formas de mídia específicas e no impacto subsequente sobre a criação da socialidade” (MILLER, 2007).

O aparelho de telefone celular como portador da possibilidade de conexão à internet é, para muitos estudiosos, associado à identidade juvenil contemporânea. Os jovens e adolescentes investem bastante tempo na exploração de suas possibilidades, portanto “possuir o telemóvel ‘correto’ é um tema relevante para crianças e adolescentes e também para jovens adultos” (LING 2002, FORTUNATTI 2002). Especialmente, do ponto de vista estético, há um cálculo de prioridades e arranjos que ajudam na personalização do aparelho, atribuindo caráter individual ao dispositivo.

Em via de mão dupla, criadores e consumidores de moda atuam no sentido de desenvolver uma série de bens acessórios que tomam os celulares como referência primária: capas, bolsas e carteiras apropriadas para o seu transporte, inclusive em atividades esportivas. Neste sentido, pode, então, ser comparado e tratado como uma peça de vestuário, vinculada às coleções da temporada porque é um produto com período de vida limitado que está sempre apenso ao corpo. Deste ponto de vista podemos concordar com outros autores que identificam o telemóvel com o relógio de pulso. (CASTELLS p.205)

Sobretudo as meninas exploram o potencial estético dos aparelhos celulares. Com uma diversidade de temas e texturas, as capas são adquiridas por elas geralmente, em bancas nas ruas ou em lojas de presentes, elas combinam o acessório com a cor do esmalte, inclusive o usam para imprimir cores diferentes não só a óculos como a armações de óculos, da maquiagem, dos sapatos e bolsas. Em relação à percepção dos bens e sua singularidade Baudrillard (2000, p.47) indica que,

[...] a oposição natural/sintética é simplesmente uma oposição moral. Objetivamente as substâncias são o que são: não existem substâncias verdadeiras ou falsas. [...] no fundo a nobreza hereditária da matéria existe somente por conta de uma ideologia cultural análoga à do mito aristocrático na hierarquia humana e mesmo este preconceito cultural declina com o tempo.

Entretanto, por mais bonita e cara que seja a capa ou qualquer outro recurso material, não impressiona se o celular não tiver crédito e a possibilidade de conexão à Internet. São bastante comuns as customizações feitas com pedrarias e adesivos, que acabam por tornarem os celulares e outros dispositivos para conexão, peças de bijuteria. Tal prática foi também observada no Japão (YUE, 2003) onde os jovens “personalizam o celular e o transformam ‘artefato’ que demonstra a sua individualidade, utilizando vários tipos de ‘cosmética de telemóvel’ feita de cristais, plumas, prata, com a forma de Hello Kitty, Garfield, flores e animais”. Esta cosmética, inclusive pode ser consumida no próprio ciberespaço, uma vez que é possível encontrar diversos tutoriais ensinando os usuários destes dispositivos a personalizarem os aparelhos.

Por outro lado, os rapazes exploram a materialidade das bases de acesso com capas e decalques com motivos de times de futebol, tribais, rótulos de cerveja, personagem de HQ's. As fotos do estilo selfie são comuns entre estes jovens. É possível perceber algumas fotos feitas em ângulos para que seja possível visualizar os eletrônicos: notebooks, tablets, e é claro, os celulares sem capa para que apareçam a marca e a série, e em alguns casos até o tipo de conexão, como é o caso do aparelhos Samsung Galaxy S4, com conexão 4G. Uma informante de 13 anos de idade inclusive assinalou que a marca do aparelho é muito importante, “*se não fosse as capas de I-phone não viriam com o burquinho para aparecer a maçã.*”

Outro aspecto que nos deu ótimas referências foram as telas de fundo. A partir delas pudemos perceber o amplo processo de personificação e apropriação criativa do bem material. Ao começar uma conversa com um dos entrevistados, pedíamos que mostrassem a “folha de rosto” do aparelho. Para nossa surpresa, encontramos de tudo: de fotos de família a grupos de amigos, de times de futebol passando por personagens de TV e quadrinhos, de artistas do campo de produção musical a fotos de namorados, filhos, do próprio dono do celular, estes itens aparecem também em outros eletrônicos como notebooks, tablets e pc's de mesa.

Embora a visibilidade da tela de proteção seja bastante restrita, é componente importante na comunicação da identidade.

As demandas por customização dos dispositivos para a conexão móvel têm reflexos na própria estruturação do mercado no setor, exemplo celebre é o caso da Nokia “que alterou o design clássico para introduzir modelos em forma de concha, para assim refletir as mudanças de gosto de seus consumidores” (REINHARDT ET. AL. 2004).

Muitos aspectos podem ser discutidos, do ponto de vista da cultura material no processo de construção de identidades, entretanto,

Se continuarmos a viver em um mundo no qual, em continuidade com a crítica de Marx ao fetichismo, não consigamos ver os padrões de trabalho e relações sociais que, conexão após conexão, seguem os vários eventos através dos quais os bens criam esta corrente entre produção e consumo. A cultura material do consumo parece ser o ponto de referência ideal para se encaixar no contínuo fetichismo da mercadoria, não só em um nível teórico (ex. Spyer, 1997), mas também em um nível prático de tentar considerar quais transformações em conhecimento e produção são necessárias para fazer os consumidores reconhecerem os produtos que compram como, entre outras coisas, a corporificação do trabalho humano (MILLER, 2007)

Em duas grandes escolas da região onde ouvimos pais e educadores, assistentes sociais de Terra Vermelha a leitura da exploração das dimensões materiais da conexão é na maioria das vezes extremamente crítica. Embora alguns educadores sejam bastante receptivos a tais práticas, boa parte dos que ouvimos moralizam o acesso e as práticas dele decorrentes, separando dimensões positivas e negativas de seu consumo. De qualquer forma, cabe registrar que mesmo que muitos adolescentes em suas falas reproduzam este discurso e em certa medida realmente acreditem nele, ainda assim, seguem explorando as potencialidades materiais do consumo no que toca às TIC's.

A percepção de que o acesso à Internet implica na separação entre experiências on e offline, que reforça a avaliação das dimensões materiais do acesso (o aparelhos, a capa, o adesivo, etc.) e supérfluas, dispensáveis, não leva em conta a consideração de que tudo isso junto constitui a substância e movimento de redes sociotécnicas nas circulamos e nos relacionamos. “On e off a rede juvenil se reconfigura, respeitando novas motivações. Novos laços são criados, os nós da rede são mantidos ou abolidos numa nova tecitura que respeita as novas experiências da vida cotidiana.” (PEREIRA, p. 310).

### **O acesso, os celulares e a *autopoésis***

Para este estudo fizemos um grande investimento em conversas pelas redes sociais de forma que emendavam dias e noites no computador uma vez que os informantes tinham disponibilidades em horários diversos. Uma dessas conversas foi realizada no horário de almoço (para o informante era seu horário de refeição), por volta de 11:30 h que travamos uma das conversas mais inquietantes por esta via. A informante, que gentilmente respondia às perguntas, sem demora no retorno inclusive, era uma jovem de 16 anos. A certa altura do bate-papo, foi perguntado a ela quais as diferenças que ela identificava entre os dispositivos para acesso à internet. Ela indicou que dependia do que precisava acessar. Mas que em geral usa

mais o celular. Ingenuamente pensamos que uma conclusão seria que em casa usava mais PC de mesa e em trânsito o celular, então ela emendou: “*Estou usando o celular agora. Enquanto falo com você já fiz almoço e agora estou tomando banho. Quem dera se existisse um celular à prova d’água*”. O celular e a conexão eram garantidos até debaixo d’água, literalmente.

Outra coisa que nos chamou atenção e que é digna de nota é a velocidade com que os jovens de Terra Vermelha teclam no celular e usando na maioria das vezes apenas o polegar. É possível observar uma série de novas habilidades motoras com as experiências de acesso à internet a partir de celulares, além do vasto repertório de competências que se desenvolvem na exploração do ciberespaço *per si*. A partir do relato de que aparelho celular e conexão não precisam ser abandonados nem mesmo durante o banho, é inevitável indagar se existe algum momento em um dia normal dos usuários em que o celular deixa de estar às mãos e de certa forma, acoplado ao corpo. Parte dos entrevistados revelou que seus celulares estão sempre à mão, uma vez que substituem os relógios, revelaram ainda que a primeira operação realizada por eles num dia comum é o manuseio do aparelho. Já levantam pela manhã acordados pelo alarme do dispositivo e o levam para a cama onde continuam conversando com pares e/ou navegando em diferentes domínios da internet.

A discussão em torno da relação do telemóvel com a moda é mais densa do que se pode imaginar, especialmente se levamos em conta toda uma reflexão quase que de cunho ontológico, uma vez que hoje a constituição de si para muitos sujeitos está diretamente ligada à presença deste dispositivo de comunicação em suas vidas diariamente. Indagado acerca da presença do celular em um dia comum, um entrevistado de 19 anos informou que muitas vezes pensa no vestuário do dia a partir da capa de celular que está usando. Ou seja, ele aparece já como referência a partir do qual o figurino pode ser montado. Em algumas situações, indica que troca a capa porque não vai ao trabalho e usa uniforme, logo, não há como fazer muitos acréscimos na indumentária. Assim, o celular torna-se o acessório distintivo, peça que permite sua individualização. Registra também que é comum os mais velhos reclamarem por estar o tempo todo usando o aparelho, mas que os mais novos não o fazem.

Outro aspecto da distinção que o celular permite segundo ele, é o fato de ter acesso à internet. Enquanto alguns ficam restritos ao SMS, ele acaba atuando como alguém que tem uma janela mais ampla e referência para pedir informações via consulta à internet. Além de que, o fato de que seu aparelho é um Samsung SIII com tela grande que é o desejo da maioria dos usuários em Terra Vermelha. Podemos ver assim, que o celular é parte de um arranjo maior que é o próprio sujeito se fazendo diariamente.

Goffman (1985) chama a atenção para o fato de que constantemente o corpo é empenhado na tarefa de “dramatização” e as performances resultantes desse processo estão enraizadas nas imagens representações culturais de que dispõe o sujeito. O corpo como artefato vai sendo produzido diariamente no diálogo entre as possibilidades de conexão e seus suportes. A cultura jovem móvel é marcada justamente por este tipo de processo, onde as TIC’s e as linguagens decorrentes de sua exploração ajudam a constituir o corpo-texto. Seja considerando as novas formas de conversação ou escrita, HAVELOCK (1963) aponta que “em uma

cultura oral, onde a experiência é intelectualizada mnemonicamente, as reflexões e métodos de memorização estão entrelaçados” (p. 146).

A escritura, para além de ser o meio privilegiado para a interação no ciberespaço, se expande por outros suportes e máquina, nesse movimento, é sujeito. Não apenas por possuir formas de agência próprias, mas por fazer parte do conjunto que é o sujeito transeunte das ruas da Grande Terra Vermelha. Na escola, na igreja, na açáteria, no transporte coletivo, no baile funk, no show gospel o celular segue como parte da anatomia do jovem. O elemento exógeno, técnico e maquínico ganha status como uma espécie de prótese com certa singularidade.

Dizer que a escrita é artificial não é condená-la, mas elogiá-la. Como outras criações artificiais e, na verdade, mais do que qualquer outra, ela é inestimável e de fato fundamental para a realização de potenciais humanos mais elevados, interiores. (ONG, 1998, p. 98)

Estamos falando de híbridos. A conexão nos parece constituir-se como uma das muitas possibilidades de hominização. O acesso a ela contribui no movimento de *autopoiesis* permitindo algum tipo de transcendência espaço-temporal bastante tangível e, quando feita a partir de um dispositivo móvel, todo esse processo é potencializado pelo deslocamento.

“Tome cuidado com o latino quando estiver quieto, mas enquanto estiver animado, tudo vai bem” (LANDES. 1967. p.21), escreveu a norte americana Ruth Landes, ao lembrar da musicalidade constante na cidade de Salvador da Bahia, incluindo os alto falantes: “o s meus tímpanos reclamavam, mas o meu coração assegurava que era bom . (p.21). Landes se dobrava ao som que, percussiva e reiteradamente, trazia o corpo afetado, dançante, rodopiante, que rasga o silêncio em intermináveis BG e nos seus inusitados aparelhos sonoros, reconfigurados em instrumentos outros de trabalho, como o trio elétrico cafezinho, o triciclo chaveiro ou a lata de percussão que torra amendoim. São esses alguns dos engenhos do corpo do ciborgue (mixagens entre humano, não humano, técnicas e próteses) , que fazem valer o que Michel de Certeau (1994) chamou, cuidadosamente , de ‘arte da sucata’: arte do desvio, retorno do prazer e da invenção. Concomitante às produções desses corpos combinam - se histórias, tempos e lugares, que integram o objeto ao sujeito não como uma prótese apenas, mas como constituições do ‘si mesmo’, como parte extensiva e simbólica da vida comum ou como for ma de reinventar outro tipo de Arte overa para os nossos dias. Nessa arte são as transações híbridas, mamelucas, ciborgues que estabelecem satisfações às necessidades pragmáticas e aos sonhos, criando estéticas descentralizadoras, marginais, sustentáveis. É o corpo que cria/inventa virtualidades tecnológicas em si. (COSTA&FARIA, 2014)

Acompanhar esses processos exige contínuo movimento da parte de quem observa. Na descrição da trajetória de um dia com o celular habilitado para o acesso à Internet em punho, pudemos perceber pela boca do nativo que em cada momento e circunstância seu manuseio exigirá protocolo específico. Como é o caso de o nativo estar no local de trabalho e ele não puder usar de forma explícita o aparelho de telefone celular em função da relação frequente que se faz do uso deste dispositivo com a improdutividade e o ócio. Dentro do ônibus é o recurso para ocupar-se e fazer o tempo passar mais rápido, nas ruas serve como GPS. Procurar

pensar este sujeito sem o porte do celular, especialmente para a conexão é uma tarefa de higienização e fragmentação perigosa.

“Este é todo o paradoxo moderno: se levamos em consideração os híbridos, estamos apenas diante de mistos de natureza e cultura e se considerarmos o trabalho de purificação, estamos diante de uma separação total entre natureza e cultura.” (LATOURE, 1994,p. 35)

A conexão e seus suportes, especialmente o celular vira linguagem, é cultura viva e não apenas parte material e residual de expressão da mesma. “O objeto técnico pode ser belo de uma maneira diferente pela sua integração ao mundo humano que prolonga.” (SIMONDON, 1958, p. 204). Ele pode representar o que Heidegger (2008) compreende como a “abertura do ser no mundo”, não de um ser metafísico, aqui, o ser é como possibilidade de presentificações diversas, é o texto da própria cultura. O antropólogo diante da máquina deve exercitar suas habilidades de percepção “estética” (MARCUS,1994), uma atitude em busca de um diálogo com a arte e outras linguagens no intuito de ampliar seu olhar, pensar o objeto técnico, a TIC como “acontecimento”, a própria cultura (pensada como obra de arte por ser produto do ser social criativo).

“a obra de arte é a origem do artista. O artista é a origem da obra. Um não é sem o outro. Igualmente nenhum dos dois suporta sozinho o outro. Artista e obra são cada qual em si e em sua mútua relação através da arte”(HEIDEGGER, 1977)

A identidade pensada a partir das conexões por meio de dispositivos móveis impõe a necessidade de pensarmos entre estar e ser em bases diferentes. As associações focadas nas relações locais passam a ser facilmente atualizadas ainda que o sujeito esteja em trânsito, numa experiência transcultural. As relações cotidianas, o íntimo e o prosaico, continuam presentes e de forma intensificada uma vez que posso “*estar com*” meus pares diariamente, inclusive em ambientes outrora adversos a este tipo de troca. As relações locais são móveis, as redes vão se deslocando. Como observamos em campo, a maior parte dos acessos à Internet se faz para travar contato com pessoas da rede local. O domínio preferido dos entrevistados é o Facebook e o justificam exatamente por encontrar nesta plataforma a sua comunidade “narrada” e “desenhada”. O dispositivo móvel é o passaporte que permite aos entrevistados estar com os seus pares independentemente de constrangimentos naturais ao deslocamento. Estar entre os seus ainda que em deslocamento não limita o “estar” nos ambientes por onde o usuário de conexão por celular circula. A diversidade de redes nas quais está imerso e a ênfase em uma ou outra se torna mais volátil, o que torna muito difícil pensar em identidades puras, nem mesmo como exercício heurístico.

Inevitavelmente, todas essas reflexões nos remetem à antropologia do Ciborgue. Ao contrário da identificação ligeira de experiências ciborgues ao uso mais convencional e comum de próteses (substituindo braços, pernas, dentes), é necessário reconhecer como tais outros acessórios técnicos acoplados a um número cada vez maior de sujeitos. “De certa forma os modens estão no centro da política ciborgueana. Ser uma ciborgue não tem a ver simplesmente com a liberdade de se autoconstruir. Tem a ver com redes.” (KUNZRU, 2009). Por sua vez, não se pode apostar na noção de ciborgue pensada como identidade

universalizante e passiva. A vida urbana como diz Simmel (2005-1903) “intensifica estímulos nervosos” que as TIC’s potencializam e se desdobram em alterações no comportamento que se desenvolvem de maneira idiossincrática, conforme contexto cultural e repertório de ação disponível ao sujeito. O acesso à conexão via celular é um bem tão demandado em alguma medida por conjugar de forma bastante explícita a materialidade de seus suportes e seus efeitos táteis e visuais como a locatividade e possibilidades de circulação em redes diversas, uma vez que permite a manutenção vivida de “comunidades íntimas a tempo inteiro” (MATSUDA, in Ito 2004).

Sendo assim, seria necessário romper com essa política da identidade e substituí-la pelas diferenças e por uma coalizão política baseada na afinidade e não numa identificação concebida como "natural". O ciborgue seria, assim, o modelo, o mito fundante dessa nova política de identificação construída a partir da afinidade, longe da lógica da apropriação de uma única identidade. (HARAWAY, 2009)

A tecnologia emerge como uma técnica corporal híbrida por excelência. O sujeito de que falamos, parece equivalente ao que Mauss (1974) identifica como o portador da magia nas sociedades arcaicas. Ele rompe com os padrões de coordenação motora. Consegue sentado no ônibus em movimento, teclar e transitar entre a cidade digital e a cidade “real”. É um processo de alfabetização distinto tão desafiador quanto os tradicionais. Aprender a falar pelos dedos em *touch screen* desafia tanto quanto a assimilação de signos alfabéticos e numéricos, o domínio da escrita em letra cursiva e de fôrma e as regras gramaticais de uma língua. Assim toda uma geração que passou anos treinando caligrafia em cadernos de pauta-dupla, hoje diariamente vive processos muito parecidos no treinamento da linguagem digital em celulares e similares. Se o reconhecimento das expressões coloquiais no aprendizado de uma língua diferente da pátria é um desafio, as abreviações comuns à linguagem dos que “Teclam” (vc, td, Tb, ☺, <3, kkkkk, #, etc.) não demandam menos investimento para a compreensão.

Não por sua constituição biológica e sim pela cultura, podemos perceber que a ideia da pureza associada à positividade da direita que torna o uso da mão esquerda residual em muitos sistemas culturais pode ser severamente questionada, ao voltarmos à afirmação da proeminência da mão direita que se justifica na Teoria Antropológica de Hertz (1980). Quanto à agilidade no uso dos polegares pelos conectados por celular da GTV, na digitação no celular, pelas próprias condições de espaço entre as teclas, o uso dos dois polegares impõe uma análise cultural pensada a partir da hibridação, sem espaço para a pureza, pelo menos da forma colocada pela tradição antropológica.

... A internet apresentada no celular deverá lembrar que a operação dos polegares é que conduzirá o usuário pelo imenso universo da rede, e deverá promover meios mais rápidos para a localização e entrega de informações, considerando o tamanho e o formato dos aparelhos celulares e de suas telas. Além disso, toda a construção da linguagem da internet deverá considerar que o aparelho celular, mesmo antes da constituição de qualquer sentido, afeta o corpo de uma pessoa. (ERTHAL, 2007, p. 60)

Aos olhos dos que não dominam a técnica corporal para conexão por celulares, os meninos diariamente tecendo parecem dominar artes divinatórias. Vários pais entrevistados em Terra Vermelha não escondiam o espanto diante da habilidade dos filhos e afirmações como “*não sei onde ele aprende isso*” eram comuns. Assim como o penacho escondido na boca do xamã (LÉVI-STRAUSS, 1975), a expertise digital soa como um poder sobrenatural. Mas, por sua difusão, converte a margem dos “inadaptados” (MEAD, 1979) à cultura local a maior parte dos nativos, pelo menos na Grande Terra Vermelha hoje.

Durante a pesquisa etnográfica em Terra Vermelha, observando que entrevistados declaravam que já possuíam aparelhos celulares antes dos 10 anos de idade, essa inquietação voltou aos nossos pensamentos. Se o domínio da língua é parte fundamental do processo de socialização da cultura, entendo que naquela comunidade, o domínio das linguagens desenvolvidas na e pelas conexões já pode ser pensada nos mesmo termos. Ainda que muitos moradores, especialmente os mais velhos, não tenham familiaridade com esse tipo de tecnologia, reconhecem que o domínio da mesma é importante para a inserção social. D. Joana uma das primeiras moradoras de TV foi enfática neste sentido: “*Antigamente telefone era importante, agora é internet né? Se os mais novos não correrem atrás ficam de fora*”.

Se o celular é hoje a base para o acesso à Internet mais usada em Terra Vermelha e reconhecendo a importância que este tem para a maior parte dos moradores, sobretudo os jovens; pensada a partir dos modos de estar dos nativos, seja no vestuário ou em suas habilidades motoras e linguísticas, a conexão deve ser tomada como uma agência criativa, dialógica, híbrida e legítima da comunidade, parte das “formas coletivas de agir ou pensar” (DURKHEIM, 1967, p. 1–38). Assim, “*ficar de fora*” realmente é uma expressão que faz muito sentido, uma vez que o composto: corpo-celulares-conexão tem papel importante não apenas para a circulação mais ampla como para a navegação no universo nativo. Em outras palavras, é uma construção social forjada na comunidade e fundamental para fazer parte dela.

### **Facebook: o “devir imagético”**

A preferência dos jovens de GTV em suas incursões no ciberespaço era a navegação no Facebook. O Youtube era bastante usado, mas na interface com o primeiro. O whatsapp e o Instagram eram domínios quase nada explorados. Embora tenham diminuído as idas aos bairros, continuamos seguindo-os na e pela Internet e pudemos perceber que no final de 2013 e início de 2014 a exploração dessas duas plataformas começou de forma bastante explosiva. Mas ainda assim, o Facebook parece ser o ponto de encontro preferencial. A disponibilidade de recursos que esse site disponibiliza talvez contribua para que ele seja uma espécie de “plataforma das plataformas” em algumas situações para a maior parte das redes que acompanhamos. O fato é que os nativos exploram bastante as possibilidades de convergência entre TIC’s, desenvolvem exímias habilidades de manejo dessas potências para a construção dele como um território, um lugar real, tangível ainda que situado na cidade virtual que são surpreendentes.

[...] na variação mesma dos eventos possíveis, existe uma estrutura que torna o espaço apenas mais uma dimensão do social. Para proceder a seu levantamento é necessário registrar as categorias através das quais os usuários se referem aos diversos recortes

que distinguem e observar o que neles fazem ou consideram factível (MELLO, VOGEL e SANTOS, 1985; p.48).

O território Terra Vermelha digital é o lugar onde por meio de edição e roteiros próprios, com a apropriação de celulares para fazer imagens e vídeos, o Facebook vira praça privilegiada para o broadcasting de si mesmo e dos pontos relevantes da vida em grupo na localidade. Broadcasting local ou Narrowcasting<sup>3</sup>. Ainda que esses jovens tenham contatos extra-Grande Terra Vermelha, inclusive com amigos em redes sociais de outros países, fato comum por incrível que pareça, a maior parte do tempo as interfaces privilegiam contatos locais. Um sinalizador disso é o que pudemos observar em comunidades do Facebook desenvolvidas pelos próprios moradores como espaço para estabelecimento de trocas diversas. Ao acompanharmos as trajetórias online de alguns jovens me espantei com a quantidade de pessoas que tinham adicionadas à sua rede, um grande número também de seguidores avulsos e no perfil de alguns deles encontramos dentre os grupos dos quais participam os seguintes: *#ADD OU SEGUI GALERA – descrição do criador: ≡ll►Sejam Todos Bem Vindos(as), Aqui Quem Fala é o Administrador Desse Grupo e Quem Quiser Adicionar Fique a Vontade. Salve Salve é Nois. 🍷) Vamos adicionar geral , mas sempre mantendo respeito em primeiro lugar: obrigado por ler.*

Este grupo possui 38.736 membros. Nele as pessoas se manifestam e pedem para ser adicionadas ou seguidas. Como é um grupo aberto, a participação inclui membros de outras localidades, mas a maior parte dos participantes é da Grande Terra Vermelha, e o criador do grupo também.

O Facebook aparece assim como uma plataforma de encontro privilegiada e partir dela os contatos se expandem para outros domínios. Este tipo de grupo criado com a finalidade de expansão de redes de contato já era comum também no Orkut como sinaliza Ramos (2011). Os grupos do Whatsapp normalmente são formados por menos membros e no Instagram, a possibilidade de formação de grupos é ínfima. Todos esses fatores somados às inúmeras alusões dos informantes que apontam o Facebook como local preferencial para navegação e interação nos levam a crer que em algum momento esse domínio realmente concentra na Grande Terra Vermelha Digital um fluxo mais denso de redes.

Toda essa interação que é buscada avidamente nos grupos apresentados indica a importância das infovias nos processos de socialização local. Cabe destacar, que as noções de “pedaço”, “mancha” e “circuito” de Magnani (2000) são bastante esclarecedoras. Se pensarmos estes grupos como parte do circuito por onde se movimentam diferentes grupos no plano da Grande Terra Vermelha Digital eles inevitavelmente nos levam às redes em suas dimensões offline. Os diferentes “pedaços”, as redes de interação mais específicas que

---

<sup>3</sup> *Narrowcasting* não é uma palavra nova, mas é um dos termos do momento. Querendo ou não, este conceito está alterando as formas e os formatos da comunicação, e é bom que o decifremos antes que ele nos devore. Filho das novas tecnologias, *narrowcasting* é o irmão *dobroadcasting* que saiu do avesso: enquanto o primeiro é mais discreto, prestativo, mira bem seus alvos e preza pela construção de relacionamentos duradouros, o segundo é mais expansivo e sai atirando para todos os lados, esperando que sua labia funcione com alguém. Em palavras menos metafóricas, *narrowcasting* é a disseminação de conteúdo para uma audiência específica e está alinhado com a segmentação, assim como o *broadcasting* está com a comunicação de massa. <http://www.agenciaduplo.com.br/narrowcasting-segmentacao-e-outros-medos-na-comunicacao/>

acompanhamos (rede religiosa, rede produção cultural, rede parentesco, redes agentes institucionais, rede lazer, etc.) aparecem nos grupos de tipo “ADD ou siga”. Encontramos nestes grupos jovens das várias redes e por sua vez esses rastreamentos nos levaram a eventos.

Os grupos do Facebook apresentados, em regra, têm como função a ampliação da rede de amigos. Ainda que se cultive a cordialidade nos contatos, apenas as relações mais próximas, que vão para o “In Box” são criadas por tais critérios que os informantes de Rezende (2002) sinalizaram. Em outras palavras, há uma alternância na vida virtual entre a percepção da amizade como simples contato (que pode alcançar um nível mais profundo, dependendo da circunstância) e aquela que pressupõe cumplicidade. Esta oscilação está ligada à percepção circunstancial dos vínculos e associações. Dependendo das circunstâncias da aproximação elas podem exercer funções de empoderamento. Receber uma “curtida” ou um comentário podem denotar empatia entre “conhecidos” que passam a “dialogar” como se fossem íntimos e por estes recursos apoiam-se mutuamente diante de posicionamentos e opiniões por eles registradas em seus perfis. Assim, a intimidade na construção de amizade no ciberespaço potencializa também relações de poder. (ABU-LUGHOD&LUTZ, 1990).

A busca por amigos no Facebook pode ou não gerar aproximações pautadas na intimidade, mas é claro que quando busca um grupo de “ADD ou siga”, o usuário está trabalhando pró-diversificação e ampliação das suas redes de relacionamento, o que implicaria na reconsideração da noção de amizade para além do condicionante “intimidade”. Os usuários vão assim, segmentando sua rede conforme graus de afinidade e proximidade, o que pode ser observado em quais imagens e de quem sempre “curte”, a quem responde se marcado num post e quase sempre essa seleção reafirma as relações locais. Portanto, no ciberespaço a amizade construída com uma base inicial de interesses comuns e um senso de humor semelhante e mesmo a convivência offline em Grande Terra Vermelha é recorrente. Com o tempo, os gostos podem até se diferenciar, mas já haveria uma confiança sólida na relação, de forma a possibilitar essa apresentação do “*self* verdadeiro” (REZENDE, 2002)

Além da formação de grupos e jogos de ADD/SIGA, no Facebook existe a possibilidade de divulgação e criação de eventos, onde alguém indica tema, data, local e horário de uma atividade real ou fictícia e convida amigos. Assim encontramos desde a divulgação de eventos religiosos, culturais e esportivos, aparentemente propostos inicialmente em espaço offline como também eventos propostos essencialmente no plano online onde os criadores usam sua vasta lista de contatos para a mobilização on e off. Dentre esses eventos alguns nos chamaram a atenção: Os “Rolezinho no Shopping Boulevard”, “Rolezinho no Shopping Praia da Costa” e “II Encontro na Pracinha de Colorado”.

Além da convocação para eventos como o rolezinho no Shopping Praia da Costa que chocou tanto a opinião pública local<sup>4</sup>, encontrei na modalidade de grupos do Facebook, este de tipo “aberto” um chamado “Rolezinho” formado basicamente por jovens da GTV. Neste espaço os participantes podem propor a atividade a qualquer momento, nele encontrei muitos dos meus informantes convocando os membros, indicando dia e horário do passeio. Quando perguntamos a um jovem de 15 anos (JTD) sobre essa prática, ele disse que é uma forma de reunir a galera para passear, paquerar. Nem sempre o rolezinho é um mega evento. Inúmeras vezes encontramos com grupos de jovens rindo, brincando tanto na orla da Praia da Costa, quanto nos shoppings da cidade. O “rolezinho” na acepção deles parece ser nada mais que um encontro possível num espaço dentro ou fora da Grande Terra Vermelha, sendo que os shoppings são os locais preferenciais. JTD seguiu afirmando que não achava legal ir ao shopping com muita gente como os rolezinhos mais famosos noticiados pela mídia porque nem dá para andar direito, conversar e as pessoas ficam assustadas olhando de um jeito esquisito. Este depoimento e outros na mesma linha me levaram a questionar se é possível pensar no “rolezinho” como um fenômeno de características gerais uma vez que os meus informantes chamam da mesma forma tanto o encontro de pequenos grupos quanto os massivos no shopping.

O empoderamento colocado por Machado (2014) e sua conotação política que encontrou no movimento em Porto Alegre não foi observado na Grande Terra Vermelha. Eles em geral querem ir ao shopping ou à orla dos bairros nobres e não serem identificados como alguém de uma região do município. Querem simplesmente se encontrar, transitar e não se sentem em déficit em relação a outros consumidores. A observação das performances no Ciberespaço nos permitiu perceber dimensões dessa prática que passamos a explorar também nas conversas reservadas Inbox que nos levam a avaliação de que há tantos tipos de rolezinhos quanto redes de relacionamentos em cada localidade do Brasil. Sem dúvida, o passeio no shopping uma vez que é proposto no e pelo Ciberespaço revela o quanto o acesso à Internet é importante fator de intensificação de associações entre os segmentos mais jovens da Grande Terra Vermelha. A ideia de isonomia é muito forte entre eles. O desejo não mostrar nada a ninguém, ao contrário, querem circular sem serem identificados como moradores desta ou aquela região.

Essa invenção do cotidiano se constrói graças ao que Certeau chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência”, que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma nova apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um. O autor acredita nas possibilidades da multidão anônima abrir o próprio caminho no uso dos produtos impostos pelas políticas culturais, numa liberdade em que cada um procura viver, do melhor modo possível, a ordem social e a violência das coisas. (TORQUATO, 2013)

---

<sup>4</sup> [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2014/05/noticias/cidades/1485965-rolezinho-em-shopping-termina-em-tumulto-em-vila-velha.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2014/05/noticias/cidades/1485965-rolezinho-em-shopping-termina-em-tumulto-em-vila-velha.html)

Embora essa busca por isonomia ou em alguns casos pelo isolamento possa ser qualificada como uma forma de resistência, uma tática para desconstruir o estigma ou se livrar dele, o tom da fala nativa sugere mais que isso. É a busca por entretenimento e uma forma de juntar os amigos ou conhecer pessoas que parece ser a principal motivação desses jovens em seus rolezinhos nos shoppings. Há de alguma maneira, uma negação implícita diferenciação comumente estabelecida entre playboys e abas retas. Assim como (MIZRAHI, 2006) indica acerca dos jovens da periferia carioca há uma demanda por afirmação sim, mas a partir de si mesmo. Faço parte da galera de GTV, minha condição de estabelecido se constrói a partir das relações endógenas. De forma que, pouco importa se o playboy ou o emergente no shopping me olham de forma esquisita, não é em relação a eles que desejo me distinguir necessariamente. Minha ação quase sempre é dirigida para impressionar os meus pares. Postar fotos de passeios ao shopping é um dos recursos de aludir a ação fora da Grande Terra Vermelha em termos materiais, mas nela em termos simbólicos.

Mas além dos rolezinhos ao shopping, há outras modalidades de evento propostos no Facebook, que reúnem muitos jovens na própria GTV e bairros próximos como é o caso do:

*II encontro na pracinha de colorado: VAMOOO QUEEE VAMOOOO \*-\**

*x BEIJA NA BOCA !*

*x FOTOS !*

*x NOVAS AMIZADES !*

*SEM BRIGA POR FAVOR !*

*E ESTOU VENDENDO O TO NO FLASH !*

*Domingo, 13 de julho*

*Às 16:00h*

*Pracinha de Jardim Colorado*

Nesses encontros não há um palanque, barracas de venda de alimentos ou animadores. São abertos, com um número muito grande de jovens, muitos carros de som fazendo duelos. Dentre os objetivos que os participantes indicam estão a possibilidade de conhecer pessoas, trocar contatos, ampliar seus add e/ou seguidores, beijar na boca, etc. Estes eventos aparecem como oportunidades de lazer criados pelos próprios jovens que ocupam espaços públicos e/ou privados que servem como “manchas” (no sentido assumido por Magnani, 2000) . Para esses eventos normalmente esses jovens escolhem certo figurino onde é bastante comum a presença de roupas das grifes que curtem.

Sarlo (1997, p. 36) afirma que “A juventude não é uma idade, e sim uma estética da vida cotidiana.” E de fato, o que observamos neste tipo de encontro é um numero enorme de pessoas de várias idades, mas como adornos muito parecidos: forma de vestir, som que escutam, gestual. Eles ficam agrupados em torno de carros de som e a caminho do evento o que vi foi uma verdadeira romaria de jovens, que apareciam de todos os lados com tênis, bermudas e bonés, cordões de prata, shorts e sempre celulares em punho para garantir

que cada momento fosse registrado e postado nas redes sociais, o que reafirma que também pela mobilidade “nas classes menos favorecidas a porta de entrada para o mundo digital costuma ser o celular, seguido pelo computador.” (CASTRO, 2012, p. 67).

Esses eventos mostram a indissociação entre os planos on e offline na interação social, porque nós, como boa parte dos que ali estavam, tinha como referência as imagens de Facebook dos participantes. Reconhecemos muitos rostos. Além disso, eles nos permitiram ver funcionar o que Castro (2012, p. 68) chama Fator F: “friends, fans e followers”. No Facebook como em outras plataformas, a manutenção e ampliação desse triângulo é um dos desafios mais caros. Nesta triangulação, as práticas de Broadcasting e Narrowcasting são recursos importantes para pessoas e grupos marcarem presença e posição na cidade digital. A portabilidade que os celulares permitem, garantem que na locomoção essa tríade seja explorada.

Por meio do narrowcasting os jovens constroem sua performance no ciberespaço. “Screenager , feliz expressão oriunda da fusão das palavras em inglês screen e tela e teenager adolescente. (CASTRO, 2012, p. 61) tem sido usada para designar o tipo de prática grafada ou pictórica de adolescentes em interfaces com suportes de comunicação digital. Um típico produto de screenager implica não apenas no desenvolvimento de habilidades motoras como a manipulação dos teclados com os polegares como a redução de termos e palavras por meio de abreviações que tornam o processo comunicativo mais rápido e não menos denso. Ou seja, a forma de apresentação de si e construção da imagem nos ciberambientes apoia-se na habilidade que o usuário tem de manipular tanto escrita como a exposição de imagens.

Partindo da hipótese de que os territórios da Grande Terra Vermelha se desdobram também no ciberespaço, é possível reconhecer esses grandes encontros como experiências híbridas e concomitantes de circulação nos planos on e offline. O encontro já começa no próprio convite para ele no feito no Facebook com os comentários que os possíveis participantes fazem, as conversas a partir de posts e certamente no In Box, de maneira que a chegada à praça é mais um momento desse complexo, denso e processual evento que permanece vivaz também no ciberespaço com postagens de imagens e comentários diversos e conversas entre participantes via página do Facebook.

Acerca da sociabilidade juvenil em espaços públicos (MELLO E VOGEL, 2004.) afirmam:

“A vida na rua se distingue, em primeiro lugar, por formas diferenciais de apropriação do espaço e alocação do tempo. O espaço, onde costuma desenrolar-se, é o centro da cidade. Este, porém, encontra-se dividido em territórios, cada qual estruturado a partir do epicentro de algum logradouro público, em geral, praça. Um território compreende toda uma rede de pontos da qual fazem parte os lugares preferenciais de atuação das turmas, além de toda uma série de trajetos, circuitos, rotas, atalhos, mediante os quais esta rede se integra. Aos mapas cognitivos da cidade, em particular em cada um de seus recortes territoriais, cabe articular lugares de reunião, pontos de encontro, ‘lugares de dormir’ (mocós), áreas de ‘caça’ e pontos de apoio” (p. 10)

A identificação de “lugares” nos territórios digitais que emergem das interações no ciberespaço na Grande Terra Vermelha muitas formas. Estes lugares, a exemplo dos eventos destacados, revelam “pedaços” em suas dimensões on e offline. Um desses lugares é bem perceptível na rede de produção cultural. Nesta rede um dos jovens que seguimos JD (20 anos) em seu circuito on, encontrei rastros e inscrições de suas performances em apresentações do grupo de dança do qual participa, a academia onde dá aula da dança, a página do grupo de dança mais seu perfil e grupo de dança no Facebook.

O Facebook é também explorado por esse jovem como espaço de divulgação do seu trabalho que acontece em escolas, academias e mesmo em algumas igrejas. Divulgam horários e valores das suas aulas, as datas de apresentações, dá visibilidade por meio de fotos aos resultados e principalmente, mobiliza redes diferentes de agentes na Grande Terra Vermelha. Em torno de seu trajeto encontramos a página do grupo de dança do qual participa e uma rede de efervescente operação do fator “F” (Friends, fowlers e fans) em páginas de fãs-clubes na tarefa de “controle de impressões”. Ele constrói sua reputação, certa imagem do corpo e de suas competências pessoais usando os recursos do mundo virtual.

Encontramos também várias montagens de fotografias em um grupo do Facebook chamado “Duelo de Fotos”. Esse grupo é aberto, tem 1.552 pessoas, boa parte da GTV. Nele são postam vídeos polêmicos envolvendo sexo e fotos. Os membros postam um “selfie” e convidam: *“alguém para duelar?”* Aceito o convite, com ajuda de aplicativos do próprio Facebook os rivais fazem a montagem das suas imagens e determinam a quantidade de votos que define o vencedor. Para escolher um dos competidores nos comentários, os demais membros do grupo votam assinalando com uma hashtag o nome do dono do selfie escolhido. É possível encontrar dos “Duelos de Fotografias” similaridades com a função social da “rinha” em Bali descrita por Geertz (1975). Embora eles não envolvam apenas os homens como a rinha balinesa, funcionam como uma espécie de jogo no qual a fama é uma das moedas culturais mais valiosas. Um drama social em termos turneanos que envolve mais investimento psíquico do que aparenta. Perder um duelo é o estímulo para aperfeiçoar a performance online (aprender a fotografar, fazer a própria maquiagem e cabelo, usar a câmera com melhor resolução de imagens). A autoestima é colocada em jogo, as posições no grupo colocadas em risco.

A projeção de uma imagem “melhorada” de si nas redes sociais é comum e não representa simplesmente o desejo de falsear a realidade. Esta projeção é parte do processo de “devir imagético” (HEAD, ano), onde além do prolongamento das experiências vividas offline, os sujeitos reconstroem suas texturas corporais e suas posições no grupo social por meio de imagens e escritura, bem como extraindo potencias dos recursos dos próprios sites e aplicativos diversos que oferece. A dimensão online da vida dos jovens de Terra Vermelha é muito importante na construção da identidade local, dessa maneira, a consideração das performances nativas no Ciberespaço é fundamental para a compreensão da forma como eles se colocam no mundo. Assim, a postagem de fotografias de pessoas que falecidas, da infância, da turma da escola de ensino

fundamental, paisagens da cidade do passado, ritos como batizados, aniversários, casamentos, festas ou simplesmente do encontro com amigos na praia, pracinha e shopping, geralmente se convertem em “evento virtual significativo”. Por meio delas, se reconstroem trajetórias, reafirmam-se laços de amizade e parentesco. Este tipo de postagem geralmente é densa, recebem muitos comentários e “curtidas”, além de indicarem que certas dimensões da tradição são retroalimentadas e não aniquiladas nas relações virtuais, ajudam à reconstituir de forma lúdica e reflexiva histórias de vida, a volta às origens, numa mitologia de si, dos grupos e dos lugares. Este processo é marcado por nostalgia, aparece bastante em comunidades de moradores de certa localidade, alunos de determinada escola, membros de determinada banda. Por meio delas reencontros e retomada de vínculos são propiciados. O exercício da sensibilidade etnográfica torna-se fundamental neste sentido, pois as imagens carregam uma densidade de sentidos imensurável.

### **Considerações Finais**

Neste artigo buscamos compreender de forma reflexiva os processos de autopoésis dos sujeitos envolvidos no consumo de conexão móvel e os diálogos com os objetos técnicos emergidos como experiências de sociabilidade, além de compreender os vínculos que vão sendo construídos tendo como suporte os arranjos sociotécnicos. Buscamos compreender, a partir de dados construídos da/na experiência etnográfica num bairro de periferia chamado de Grande Terra Vermelha, no município de Vila Velha – ES. A experiência etnográfica permitiu que compreendêssemos de forma ampliada os arranjos e as diversas construções de autopoésis dos informantes em campo. Além da materialidade dos aparelhos que vai sendo enriquecida de adereços, como forma de construção identitárias, também as capas, os adesivos, as bijuterias dentre outros. Esta produção de imagens também se expande para a cidade virtual, os arranjos on/off dos interlocutores vão sendo produzidas em “qualquer lugar” onde estejam. Isso nos mostrou em campo que a experiência com os aparelhos celulares, os mecanismos de conexão, e os usos destas redes são complexas e diversas, constituídas como bricolagens (no sentido Levistrausseano) criativas e dão suporte ao fazer nativo, dão suporte às diversas formas de sociabilidades, às diversas formas de construções de identidades. Como as disputas, seja o caso dos famosinhos quanto as disputas de fotografias, que vão sendo travadas no facebook, como os diversos encontros marcados a partir da rede. Em suma, seja pelas disputas entre indivíduos e grupos, pela noção de parentesco e de amizade, os vínculos são atualizados e/ou instituídos na Grande Terra Vermelha Digital num trânsito rico entre a vida on e offline. O reconhecimento de que estes tipos de associação desenvolvidas em ambientes online são muito importantes especialmente para os jovens da região ajuda a compreender em ultima instância porque o acesso à Internet é tão relevante, assim como todo o tipo de esforço que é feito para a garantia do seu consumo.

## Referências

- BARROS, Carla Fernanda Pereira. *Trocas hierarquia e mediação: as dimensões culturais do consumo em um grupo de empregadas domésticas*. Tese de Doutorado em Administração -Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, Instituto COPPEAD de Administração, Rio de Janeiro, 2007.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo, Perspectiva, 2000.
- CASTELLS, M. FORTUNATTI, L. *The mobile phone: towards new categories and social relations: information, communication and society*. Cambridge: New University Press, 2002
- CASTRO, Gisela G.S. *Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital*. In BARBOSA, L. *Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.
- COSTA, S.L., FARIA, A.A. Tecnologias do corpo-ciborgue-mameluco. *Artefactum Revista de Estudos das Linguagens da Arte e da Tecnologia*. N. 1, 2014.
- DOUGLAS, Mary. ISHERWOOD, B. *O mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- DURKHEIM, E. *De la división Del trabajo social*. Trad. David Maldivsky. Bueno Aires: Schapire, 1967
- ERTHAL, AA. O telefone celular como produtor de novas sensorialidades e técnicas corporais. *Revista Contemporânea*, 2007 - contemporanea.uerj.br
- FORTUNATTI, L. *The mobile phone: towards new categories and social relations: information, communication and society*. Cambridge: New University Press, 2002.
- GEERTZ, Clifford, 1926-. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro : LTC, 2008. 323p.
- HARAWAY,D. KUNZRU, H. TADEU, T. (org. e trad.)*Antropologia do ciborgue : as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009. – (Mimo
- HAVELOCK, E. A. *Preface to Plato*. Cambridge: Harvard University Press, 1963.
- HEAD, S. Olhares e feitiços em jogo: uma luta dançada entre imagens e texto. In. GONÇALVES, M. A. HEAD, S. *Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens*. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schubac. 3.ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008
- \_\_\_\_\_ *A origem da obra de arte*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Ed.: Edições 70. Tradutora: Maria da Conceição Costa. 1977
- FERREIRA, R.C. A proeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa em Robert Hertz. *Revista Ciências Sociais em Perspectiva*. Vol. 10 – Nº 19 – 2º Semestre de 2011.
- ITO, Mizuko; OKABE, Daisuke; MATSUDA, Misa (eds.). *Personal, Portable, Pedestrian: Mobile Phones in Japanese Life*. Chicago: The MIT Press, 2005.
- KUNZRU, Hari; HARAWAY, Donna; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 126 p

- YUE, Z. Mobile phone demonstrates individuality: new expressions of today's hand-phone culture. *Beijing Morning Post*, February 24. <http://mobile.tom.com/archive/1145/2003/2/24-53731.html> (Acesso em 22 de março de 2014.)
- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.  
\_\_\_\_\_. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford: Oxford UP, 2005
- LING, R., & YTTTRI, B. Hyper-coordination via mobile phones in Norway. In J. E. Katz & M. Aakhus (Eds.), *Perpetual contact: Mobile communication, private talk, public performance* (pp.139-169). Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2002.
- LUTZ, C. ABU-LUGHOD L. In ABU-LUGHOD, Lila (orgs.). *Language and the Politics of Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- MAUSS, M. 1974 [1923-24]. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo : Edusp.
- MAGNANI, Jose Guilherme. “Quando o campo é a cidade, fazendo antropologia na metrópole”. In MAGNANI, Jose Guilherme & TORRES, Lilian de Lucca. Na *Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, Edusp; Fapesp, 2000.
- MARCUS, George E. O que vem (logo) Depois do “Pós”: o caso da Etnografia. *Revista de Antropologia*, Vol. 37, 1994. Pp.7-34
- MEAD, M. *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno, SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos . *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. Rio de Janeiro, IBAM, 1981.  
\_\_\_\_\_. VOGEL, A. *Os filhos da cidade: considerações sobre um fenômeno inquietante e suas implicações para a existência de um espaço democrático plural*. VIII congresso Luso-afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 16, 17 e 18 de setembro de 2004.
- MILLER, D. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007
- MIZRAHI, Mylene. 2006. *Figurino funk: uma etnografia sobre roupa, corpo e dança em uma festa carioca*. Dissertação de mestrado defendida no PPGSA-IFCS-UFRJ
- ONG, W. J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Trad. de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.
- PEREIRA, Vanessa. A. Como assim “Pesquisa Etnográfica no Ciberespaço”? *Doutoranda PPGAS, Museu Nacional, UFRJ. Maio 2005*. <http://vanessapereira.br.tripod.com/teoriatrab.html>
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana & SCALCO, Lucia Mury. "Brand Clans: Consumption and Rituals Among Low-income Young People in the City of Porto Alegre" in *International Review of Social Research*. Volume 2, Issue 1, February 2012, 107-126
- RAMOS, J.S. Dilemas da masculinidade em comunidades de leitores da revista Men's Health. Sexualidade, salud y sociedad. *Revista Latinoamericana*. n.7 - abr. 2011 - pp.9-43 [www.sexualidadsaludysociedad.com](http://www.sexualidadsaludysociedad.com)
- REINHARDT, A. BONETT, A. CROCKETT, R. Can Nokia get the wow back? *Business Week*, May 31, 18-22.

REZENDE, C. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. *Revista Mana*, Museu Nacional, 2002 - SciELO Brasil

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. In: *Mana*, Rio de Janeiro, vol.11, n.2, out. 2005, p. 577-591.

SIMONDON, G. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1958.

LEVY-STAUSS, C. *Antropologia Estrutural I*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, PP 193-253.

TORQUATO, S. A. *Casa nova, vida nova: Consumo, despesas e orçamento doméstico entre moradores do PAC do Morro do Preventório*. Tese de Doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFF, Niterói, 2013

TURKLE, Sherry. *El segundo yo. Las computadoras y el espíritu humano*. Buenos Aires: Ediciones Galápagos, 1984.

\_\_\_\_\_. *La vida en la Pantalla, La Construcción de la identidad en la era de Internet*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1997.

VIANNA, Hermano. "Fragmentos de um discurso amoroso (carioca e quase virtual)". In: *Galeras Cariocas, territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.